



GT 04 | Conflitos Urbanos, Violência e Direito à Cidade

A SOJA SENTA-SE À MESA: AS TRANSFORMAÇÕES NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO E O CASO DO CENTRO- OESTE BRASILEIRO

Carina Serra Amancio¹

RESUMO

Nos últimos anos, o Brasil vem sofrendo uma transformação no que diz respeito ao centro do dinamismo econômico e espacial. Isso porque, de acordo com o Sistema de Contas Regionais do Brasil do IBGE, desde 2003 o Sudeste segue perdendo participação relativa na composição nacional do PIB, enquanto, simultaneamente, as regiões Norte e Centro-Oeste aumentam. Essas mudanças fazem parte da expansão da fronteira agrícola/mineral que passou a crescer exponencialmente a partir dos anos 1980, junto à reestruturação produtiva brasileira. Somado a isso, parte da expansão da fronteira agrícola têm impactado no crescimento de cidades médias e no surgimento de cidades pequenas nessas áreas. Essas alterações profundas dos novos instrumentos de acumulação e suas renovadas formas de manifestação no espaço, têm impactado na produção de desigualdades socioterritoriais e aprofundado as marcas do atraso estrutural nacional através da superexploração do trabalho e da acumulação primitiva. O texto buscará levantar algumas das questões nodais que parecem mobilizar as transformações do espaço sobre o processo violento e despossessório da acumulação em um país inserido na periferia do capitalismo.

INTRODUÇÃO: COLOCANDO SOJA À MESA

Desde a segunda metade do século XX, teóricos de diferentes áreas buscaram compreender o processo de reprodução das cidades inseridas na periferia do capitalismo. Isso porque houve um exponencial crescimento das metrópoles, em especial na América Latina, marcado por grande desigualdade territorial. As cidades, que até então pouco apareciam nos debates, passaram a ser objeto de análise e de discussão.

No caso brasileiro, o processo exponencial de crescimento das cidades se junto ao processo de industrialização nacional a partir da década de 1950. Junto a isto, diversas foram

¹ Arquiteta e Urbanista. Mestre e doutoranda pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Membro da coordenação nacional da rede BrCidades. E-mail: carinaserra@gmail.com



as transformações: a migração do campo para a cidade, a precarização do trabalho e aumento do desemprego, os problemas habitacionais e, transversalmente, o papel desempenhado pelo Estado e os preços da terra. Alguns conceitos cunhados como “espoliação urbana”, “urbanização por baixos salários”, e “padrão periférico de crescimento” procuraram dar conta das explicações teóricas de um entendimento sobre o urbano não dual, em busca de uma análise da totalidade, que incorporava elementos marxistas a fim de discutir o crescimento *sui generis* das cidades inseridas na periferia do capitalismo.

Essas características, bem como a reestruturação produtiva, foram realizadas de forma mais intensa nas Regiões Sudeste e Sul do país, o que Milton Santos chamou de “Região Concentrada do Brasil”². Os efeitos da acumulação do Capital, da mecanização do território, do meio técnico-científico-informacional³ centrados nessa região são sentidos até os dias de hoje, resultando no que Elias e Pequeno descrevem como “uma adaptação progressiva e eficiente aos interesses do capital hegemônico, reconstituindo-se à imagem do presente, transformando-se na área com maior expressão dos fixos artificiais e dos fluxos de todas as naturezas”⁴.

No entanto, a partir de 1980, Milton Santos⁵, aponta que começou a ocorrer uma revolução urbana. Isso porque iniciou-se um deslocamento de urbanização das faixas litorâneas para o interior do país, processo este que vem alterando significativamente não só a ocupação do território, mas também o processo de reprodução social e os mecanismos de acumulação do capital. A partir disso, a rede urbana brasileira vem se tornando muito mais complexa, já que além do crescimento das cidades e metrópoles, há também um desenvolvimento de cidades pequenas e médias, transformando as dinâmicas de concentração e dispersão.

Ainda de acordo com o autor, a reorganização da produção, das migrações urbanas, e o avanço do uso intensivo de máquinas agrícolas, teria impactado na difusão do meio técnico-científico-informacional para o interior do país. É a partir disso que as áreas urbanizadas no rural passaram a crescer exponencialmente, já que a gestão do agronegócio globalizado necessita de espaço e infraestrutura urbana.

² SANTOS, Milton. **A região concentrada e os circuitos produtivos**. Relatório de pesquisa O centro nacional: Crise mundial e redefinição da região polarizada. São Paulo: Depto de Geografia USP, 1986b (datilografado).

³ *Ibidem/ibid.*

⁴ ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. **Agronegócio e novas regionalizações no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 13, n. 2, p. 153-153, 2011.

⁵ SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. Edusp, 2013.



Ainda que as metrópoles ainda constituem um papel importante na dinâmica econômica global, os agentes inseridos nos circuitos de valor vem criando fluxos e novas relações sobre o território, como é o caso da agroindústria no Brasil. De acordo com Miranda

“A modernização agropecuária foi substancialmente robustecida, com a diversificação e aumento da produção, alterando o padrão tecnológico do setor, mas, ao mesmo tempo, mantendo inalterada a heterogeneidade social. O pacto agrário-modernizante-conservador apoiou e defendeu o latifúndio na sua nova estrutura fiscal e financeira, fazendo com que todos os ingredientes políticos que precipitaram o debate mais amplo em torno da questão agrária ficassem em plano secundário, prontos para re-eclodir com mais força ainda nos anos de 1990.” (MIRANDA, 2009).

Diante disso, a separação teórica entre o rural e urbano, como categorias analíticas dissociadas, tem encontrado ainda mais dificuldades para a elaboração de diagnósticos sobre as transformações da rede urbana nacional. Tampouco a divisão entre moderno e atraso, quando associada ao rural-urbano, é suficiente. Nas áreas da expansão da fronteira agrícola é visível o crescimento de urbanização, bem como com a criação de novos pequenos municípios. As cidades da fronteira agro-mineral são “implantes” de serviços da agricultura de exportação e representam o que há de mais atual na dinâmica de urbanização brasileira⁶. Ainda assim, a reestruturação produtiva com o agronegócio está vinculada diretamente com o aprofundamento da divisão social e territorial do trabalho, podendo estar, segundo diversos autores, relacionada a um aumento da desigualdade socioterritorial; aprofundamento da crise climática; desigualdade no uso e no acesso a recursos e espaços naturais, bem como o uso da natureza a serviço da atividade econômica estritamente; e o aumento dos conflitos oriundos da desigualdade no acesso à terra. Exemplos que caracterizam os desafios dos estudos urbanos e fundiários no Brasil no século XXI.

CONSIDERAÇÕES DE PARTIDA

As reflexões aqui delineadas não se propõem a alçar voos para apontamentos conclusivos, mas a levantar os desafios postos ao campo dos estudos urbanos, fundiários e à agenda da justiça socioterritorial. Ao colocar a soja à mesa, este trabalho busca mais do que analisar fluxos econômicos ou transformações urbanas: pretende revelar as engrenagens de um processo de acumulação profundamente vinculado ao lugar que um país inserido na periferia do capitalismo ocupa. Dinâmica que, sob a aparência da modernidade da

⁶ BRANDÃO, Carlos. **Acumulação primitiva permanente e desenvolvimento capitalista no Brasil contemporâneo**. Capitalismo globalizado e recursos territoriais. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 39-69, 2010.



agroindústria, mantém ativa a lógica da acumulação primitiva, atualizada em novas formas de violência, expropriação e despossessão.

Nas cidades da fronteira agro-mineral, a terra é questão nodal, instrumento de circulação de valor e especulação, enquanto, simultaneamente, continua sendo o palco onde se materializam as desigualdades históricas do país. A rápida urbanização do centro-oeste não apenas reproduz, mas aprofunda as contradições entre modernidade e atraso, progresso e espoliação, revelando como a produção do espaço está intimamente imbricada com a manutenção de estruturas desiguais que sustentam a inserção subordinada do Brasil no sistema capitalista global. Trata-se de reconhecer o papel do capitalismo, junto e combinado, com a produção do espaço urbano e territorial.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Carlos. **Território & Desenvolvimento**. Campinas: EDUNICAMP, 2007.

BRANDÃO, Carlos. **Acumulação primitiva permanente e desenvolvimento capitalista no Brasil contemporâneo**. Capitalismo globalizado e recursos territoriais. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 39-69, 2010.

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. **Agronegócio e novas regionalizações no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 13, n. 2, p. 153-153, 2011.

FIX, Mariana. **Transformações recentes no circuito imobiliário nacional**. Tese (doutorado) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

HARVEY, David. **O ‘novo’ imperialismo: acumulação por espoliação**. Socialist Register, p. 95-125, 2004.

MARICATO, Erminia. **Metrópole na periferia do capitalismo**. Ilegalidade, desigualdade e violência. Capital & Class, v. 23, n. 3, p. 182-185, 1999.

MARICATO, Erminia. **Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras**. São Paulo em perspectiva, v. 14, p. 21-33, 2000. Link de acesso: <https://www.scielo.br/ij/spp/a/fZCnFGwPC3Yks9tXCg4MP8B/?lang=pt> . Acesso em 23 de maio de 2021.

MIRANDA, Humberto. **Questão agrária, território e meio ambiente no Brasil: Os limites da transição para uma agricultura sustentável**. Econ. soc. territ, Toluca , v. 9, n. 31, p. 723-758, dic. 2009 . Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-84212009000300006&lng=es&nrm=iso>. acessado em 28 jul. 2023.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. Edusp, 2013.



SANTOS, Milton. **A região concentrada e os circuitos produtivos.** Relatório de pesquisa O centro nacional: Crise mundial e redefinição da região polarizada. São Paulo: Depto de Geografia USP, 1986b (datilografado).